

GUILHERME BRAGA

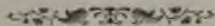
---

# O BISPO

NOVA «HERESIA», EM VERSO

... Aucun baume, hélas ! ne peut sécher la plaie ;  
Il faut donc la sonder à toute profondeur,  
Et, pour seul antidote, étaler sa hideur.

ÉMILE DESCHAMPS.



PORTO

IMPRESA PORTUGUEZA

Rua do Bomjardim, 181

---

MDCCCLXXIV

Não esquecer de brinde do director  
a sua esposa!

"A doce e affavel companhia  
dos meus actuaes dias de soffrimento,  
a companhia affectuosa de oito  
annos, até 19 do corrente, e dos  
muitos outros que decorrerão mais  
felizes, n'uma modestissima exis-  
tencia — se o Destino quiser —

Offerece  
para guardar como segredo  
Guilherme

Sabes que o oncul Amôr é teu por toda a vida,  
E ainda não tens um Bispo? Ha mezes!  
fue preguiça!

São coessas da Cabeça, um tanto distraida  
Pois quanto as Corações fazes - the tu justica

23 maio, de 1874 "

AOS LIBERAES  
PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

DAS TERRAS DE SANTA CRUZ;

A TODOS AQUELLES QUE N'ESSAS REGIÕES ESMAGARAM  
DENODADAMENTE AS VIBORAS JESUITICAS

*Offerece*

este humilimo testemunho d'adhesão as suas ideias e de  
sympathia pelo seu esforço

GUILHERME BRAGA,

*o condemnado auctor dos « Falsos Apostolos ».*



## ADVERTENCIA AO BISPO DO PARÁ

Embora sobre mim peze  
• O teu anathema, ahi,  
Eu, bispo d'outra diocése,  
Tambem te excommungo a ti!



## I

Na cathedral.—Revelações d'um satyro

No claro azul d'um frio céu d'inverno,  
Sobre a collina onde a cidade dorme,  
Destaca, ao longe, o escuro vulto enorme  
D'antiga cathedral;  
Fica-lhe ao lado a succursal do inferno,  
—Velho epigramma ao lugubre edificio,  
—Largo covil doirado, aberto ao vicio,—  
O paço episcopal . . .

Bate o luar nos porticos escuros,  
Abrigo á noite de sinistras aves;  
Lá dentro, as altas, magestosas naves  
Envolve a solidão.  
Sobem, crescem mil sombras pelos muros,  
D'um bronzeo lampadario á luz distante,  
Sob as curvas da abobada ondulante  
Que estampa os arcos no marmóreo chão.

O côro é largo e bello. Ali se abriga,  
 D'um capitel nos rendilhados folhos,  
 Um satyro, que ri, piscando os olhos,  
 Lascivo como Pan.

Dizer parece á cathedral antiga:  
 « Porque me tens aqui, mostras-te ufana?  
 Pobre igreja catholica-romana!  
 Pobre igreja christã! »

Diz com orgulho, gracejando, ao Christo:  
 « Eu fico, a meu pezar, n'angustia absorto,  
 Ao vêr-te assim crucificado e morto,  
 Ó despota dos meus!

Não desejo ser Deus... se Deus é isto:  
 — Um cadaver perpetuo exposto ao frio —  
 E, velho fauno desdentado, eu rio,  
 Eu rio-me de ti! — de ti, que és Deus!

Vês alem, por detraz do lampadario,  
 Um satanaz assoberbando um globo?  
 Deitado aos pés de Deus, parece um bobo  
 Deitado aos pés d'um rei.  
 Ao vê-lo assim, tristonho e solitario,  
 Tive dó d'aquell'alma taciturna,  
 E, na mudez da escuridão nocturna,  
 Com elle me liguei.



Vago rumor de vozes mal distinctas  
 Nos guiou para os porticos do paço:  
 Eu, sabendo que o bispo era um devasso,  
     Previo a bacchanal...  
 Escuta, ó Christo, escuta, embora sintas  
 Chammejante de pejo o rosto frio,  
 Tudo o que eu vi no lupanar sómbrio,  
 No infame lupanar sacerdotal:

## II .

### A humildade do bispo

Era um bello aposento,  
 Que Faublas prezaria sem desdouro...  
 —Ninho d'abutres, perfumado e fôfo,  
 A que dava um revérbero sangrento,  
 Á froixa luz d'um candelabro d'ouro,  
 A adamascada purpura do estôfo.—

Molles coxins, em largas ottomanas,  
 Convidavam a languidas posturas  
 As Aspacias catholicas-romanas,  
     As lúbricas sultanas  
 D'aquelle *harem* christão, meio ás escuras!

Mil fragancias subteis no morno ambiente;  
Ao centro a meza, — o impuro altar da orgia; —  
Sobre a meza a baixella resplendente . . .  
A baixella roubada á sacristia;  
Crystaes por toda a parte, e, nos espelhos,  
Todo esse lustre a espaços reflectido,  
Da luz da orgia á froixa claridade . . .

Satanaz debruçou-se ao meu ouvido  
Para dizer-me, a rir-se: « Os Evangelhos  
Aconselham ao bispo esta humildade! »

### III

#### Dolores

Sentado á meza, o principe da Igreja  
Inclina a calva fronte aos seios tumidos  
D'uma hespanhola, cujo olhar flammeja,  
E em cujos labios humidos,  
Rindo, o prazer de beijos s'enebria!

Ao vêr-te assim, myrrada  
Pelos impuros halitos da orgia;

11

---

Ao vêr-te assim, na sombra, arremessada  
Dos canteiros nataes a impura alcôva,  
Quem ha que se commova,  
Pobre flor dos jardins da Andaluzia?

Tem por nome *Dolores* . . .  
Por officio, vender a quem lh'os paga,  
Como não tem amor, os seus amores.

É soberba e formosa!  
Brilhante e seductora! — imagem vaga  
D'Eva . . . já criminosa,  
Escondendo a nudez por entre as flores!

Mixto de sombra e luz, de lava e gêlo,  
D'éden occulto e precipicio aberto,  
Prende, fascina, attrahe, céga, arrebatá!  
Para quem dorme, em extasis, coberto  
Pelas ondas gentis do seu cabello,  
É como no deserto  
A mancenilha, que adormenta e mata!

Os braços nus da joven messallina  
Cingem o padre, que, sorrindo, oscúla  
A carne branca, avelludada e fina,  
Que lhe é dado gosar . . . mesmo sem *bula*.

Collam-se, em longo beijo,  
As duas bocas ávidas, famintas . . .

Escuta, ó Christô, escuta, embora sintas  
O rosto frio a chammejar de pejo!

## IV

Supplicas e promessas.—Character evangelico  
do bispo

## DOLORES

Prende-me ás tranças formosas,  
Se tu és o meu amante,  
As joias mais preciosas  
Da tua mitra brilhante!

Fulgirão co'as pedras tuas,  
Cheias de raios inquietos,  
Meus soltos cabellos pretos  
Nas alvas espaldas nuas!

Haja depois quem se affoite  
A julgar outras mais bellas . . .  
São tranças da côr da noite,  
Precisam d'essas estrellas!

## O BISPO

Rainha das feiticeiras!  
Venus, que sahes d'este mar!  
Péde tudo o que tu queiras,  
Tudo o que eu te possa dar.

Louca, aos meus beijos entrega  
Teus hombros, teus seios nus! . . .  
Dou-te a igreja, o paço, a adega,  
O báculo, o anel, a cruz;

As altas seges vermelhas  
Que tem cem annos, ou mais,  
E as gordas, rijas parelhas  
Das mulas episcopaes . . .

Toda a riqueza que brilha  
No pomposo altar de Deus,  
E um dos meus cónegos, filha,  
Por cada beijo dos teus! . . .

## DOLORES

Eu gosto de sentir nos braços froixos  
O enorme pezo do teu corpo exangue,

Mas, se te collo a bôca aos labios roixos  
Acho em teus labios um sabor a sangue! . . .

Amas o sangue?

O BISPO

Adoraria a gloria  
De ter sentido, eu só, n'esta existencia,  
Todo o sangue dos martyres da historia  
Cair-me, gota a gota, na consciencia!

Quizera ter colhido o goso ardente  
De vêr no circo, em Roma, as feras brutas;  
Nero a rir-se feroz, ébrio e contente,  
Nos braços nús das ébrias prostitutas!

Os pallidos christãos, — torpes escravos, —  
Expirando entre as garras das pantheras,  
E a turba inquieta prerompendo em bravos . . .  
Em bravos ao tyranno, a Roma, ás feras!

Quizera, quando as sombras da heresia,  
Sobre um povo servil, grosseiro e baixo,  
Rasgava, escurecendo a luz do dia,  
Do Santo Officio o pavoroso facho.

Quizera dar a humanidade inteira  
À nossa chamma augusta, aos pôtros nossos,  
E, dos pôtros no horror, e na fogueira,  
Crestar-lhe as carnes, triturar-lhe os ossos!

Mil peçonhentas viboras no seio  
A infame contra nós, sem medo, abriga.  
Mal sabes tu, mulher, quanto eu a odeio,  
A humanidade, a nossa escrava antiga!

Podesse eu ter, ó pallida Dolores,  
Do sangue d'ella trasbordando o calix!...  
Era um rebanho vil; nós, os pastores,  
E a Realeza era o *canis pastoralis*...

Tornou-se livre e audaz; mitras, diademas,  
Báculos, sceptros, esmagou n'um' hora!  
Quebrou, raivando, as solidas algemas,  
E a fronte ergueu, sem medo, á luz da aurora!

Mas que aurora, mulher! que vasto incendio  
Nos sombrios dominios do passado!  
Que opprobrio para nós! que vilipendio!  
Que roubo infame ao *senhorio herdado!*

E assim ficamos nós, sem que lavasse  
De sangue um rio a nodoa!... — escura ideia!  
E assim trazêmos na orgulhosa face  
Perpetua a marca vil da mão plebeia! »

## V

Movimentos de fera. — Risos longinquos

Ergueu-se, febril, d'um salto,  
Como o tigre nos juncaes;  
Seus olhos chispavam lume  
Como os dos lobos cervaes;  
Crispava as mãos como garras;  
Tinha rugidos na voz!  
— Satanaz tremia, ao vêr-lhe  
O rude aspecto feroz.

Correu á larga janella  
E, abrindo-a de par em par,  
D'um anáthema ruidoso  
Fez os espaços vibrar...  
— Ouvia-se, ao longe, ao longe,  
O rir convulso do mar.



## VI

O anáthema, fragmento do « Syllabus ». —  
Angustias d'uma alma piedosa

« Malditos sejaes vós, Progresso e Liberdade!  
Gémeos filhos do Mal, irmão e irmã do Crime;  
Tu, que és um sacrilégio, abôrto da impiedade;  
Tu, que dás força á plebe e esmagas quem a opprime!

Vêde: por toda a parte as hydras do peccado  
Erguem altivo o collo, iradas contra nós,  
E o nosso bom cutello esconde-se embotado  
Na cova onde repousa o nosso extincto algoz!

Por vós andam na sombra, errantes, perseguidos  
Como as feras no matto, os reis d'origem pura;  
Aos ministros de Deus preferem-se os bandidos...  
E assim chamaes aurora á noite escura... escura!

Comvosco, onde assomaes, a tempestade assoma;  
Rebrame o vendaval no espaço onde rugis,  
— Negro sopro, que apaga as lampadas de Roma,  
E aviva ao mesmo tempo os fachos de Paris!

Erguendo para os céus a pavorosa fronte  
O anjo da Assolação atraz de vós caminha;  
Quando o incendio alumia a extrema do horisonte  
Sois vós que perpassaes n'essa abrazada linha!

E para que desmaie o fogo da heresia,  
O fogo a que se aquenta a sordida relé,  
Debalde sopra o clero á cinza inutil, fria,  
Aos ultimos carvões do extremo auto-da-fé!

Ó pavidos heroes da lugubre tragedia  
Que a historia do passado aos seculos ensina!  
O despotas feudaes da torva idade-media!  
Ó soffregos irmãos das aves de rapina!

Padres, em cuja mão fulgia a núa espada  
Co'as mil scintillações d'um raio abrazador,  
E em cujo ferreo peito a veste consagrada  
Tinha nodoas de sangue a macular-lhe o alvor!

Monges de frio aspecto e d'animo impassivel  
Que, a bem do novo Deus, frieis os crentes novos;  
Ó dérviches de Roma, a cuja voz terrivel,  
Como á voz de Jehovah, tremiam reis e povos!

Que é de vós? onde estaes? Que braço vos subjuga,  
Que, nem como um phantasma, a triste sombra ergueis,  
Ao vêr passar assim, na vergonhosa fuga,  
O clero envilecido, os infamados reis?

No carro do Progresso ostenta-se a gentalha,  
— A luctadora vil, que um louco orgulho inflamma,  
E, ao cruzar triumphante a arena da batalha,  
Faz que lhe sejam solio os estendaes da lama.

Da Liberdade aos pés rola, vilipendiada,  
Como um idolo torpe, a imagem de Jesus,  
E do eterno Voltaire a eterna gargalhada  
Persegue a Virgem-Mãe que chora aos pés da cruz!

Fervem inda no espaço os odios implacaveis  
De que innundára a terra uma sinistra ideia,  
— A ideia que do lodo exalta os miseraveis  
E inspira « Oitenta e nove », — a tragica epopeia!

Para que espante os céus, para que o mundo aterre,  
Quantos éccos talvez de novo accordará,  
Fria como uma espada, a voz de Robespierre,  
Ardente como um raio, o grito de Marat?!

Esse tempo em que a plebe, os rôtos, os descalços,  
A ignobil multidão, potente em seu reinado,  
Tumultúa, a rugir, d'entorno aos cadafalsos,  
Onde expia a Realeza as glorias do passado;

Esse tempo sinistro ha de voltar, e em breve!  
Cedo as vagas fataes d'immensa revol'ção,  
Como as ondas do Érí', massa d'espuma e neve,  
Passando sobre a terra, a terra assolarão!

Debalde o Vaticano affasta a sombra estranha  
Que peza sobre nós, de tanto horror transidos;  
Debalde irrompe a luz dos flancos da montanha  
Que é fulgido Sinái aos crentes perseguidos!

Fluctuam já sobre elle a tempestade e a morte:  
Véla-o, como um sudario, a nevoa sepulchral,  
E Roma julga ouvir, nos vendavaes do Norte,  
Das barbaras legiões a marcha triumphal!

Emquanto a voz d'um velho, em lagrymas banhada,  
Clama contra a revolta, obscura, su'terranea,  
Sem pejo se arremessa a Italia deshonorada  
Nos braços varonis dos povos da Germania...

Em vão, ó sacro asylo, em vão inda retumbas  
Co'a sussurrante voz das santas orações:  
Os servos do Senhor descem ás catacumbas;  
Acolhem-se do *nada* ás frias solidões!

Mas que m'importa a mim que o resto se acobarde,  
Se eu não cedo ao martyrio os fóros da opulencia?  
«É tarde!» disse alguém. — Não! inda não é tarde!  
Seja a lucta sem dó, sem treguas, sem clemencia!

Os que são contra nós inspiram medo e asco,  
— Venenosos reptis á flor d'um lodaçal. . .  
Ah! pudesse eu punir, — punir, como o carrasco!  
Ah! pudesse eu vencer, — vencer, como o chacal!

Podesses tu, risonha, eu placido e sereno,  
Aproveitando o amor, o lubrico pretexto,  
Encher pelos festins as taças de veneno!  
Ah! fosses tu Vannoza. . . eu, Alexandre Sexto! »

## VII

## Remeniscencias da canção d'um proscripto

Disse, e a bella hespanhola, anciando de surpresa,  
Ia a lançar-lhe ao hombro as encruzadas mãos,  
Quando julgou ouvir, d'emtorno á lauta meza,  
Vibrarem mil clarins ao som da *Marselheza*,  
E erguer-se um grito ardente : « As armas, cidadãos ! »

Loucuras da hespanhola,  
Que uma vez, n'um café da Andaluzia,  
Tinha ouvido soltar-se aquelle grito  
Dos labios d'um francez, moço e proscripto,  
Que depois de cantar pedia esmola. . .

## VIII

Orgia.— Amor e vinho.—  
Ainda o caracter evangelico do bispo.—  
Mane, Thezel, Phares!

Eil-os de novo no calor da orgia :

O BISPO

O symbolo da Fé,  
O largo calix d'oiro  
Do velho altar da Sé,  
Enche-o de vinho transparente e loiro!

Bebamos! Quem bebe acalma  
Todas as máguas que tem.  
Cá dentro, ás vezes, noss'alma  
Parece beber tambem.

Não sabes como eu abranjo  
Os mundos que tu não vês?  
Colla aos teus hombros d'archanjo  
As azas da Embriaguez!

Ai! verás como te elevas  
Nos sonhos que ella produz. . .  
Passarás da luz ás trevas!  
Irás das trevas á luz!

Ha de abraçar-te em desejos  
Que ella mesma apagará;  
Has de sentir muitos beijos  
Sem nunca vêr quem t'os dá!

Ora, a nudez, que enthusiasma,  
Pelo abysmo encobrirás,  
Fugindo como um phantasma  
Aos braços de Satanaz;

Ora, ante os olhos do Eterno,  
Rolarás sem um só véu,  
Tentando, em nome do inferno,  
A cástidade do céu!

Ai! bebe, flôr do serralho,  
Como a rosa, a tua irmã,  
Bebe as perolas do orvalho  
De que se enfeita a manhã!



Molha os labios á vontade  
No santo vinho hespanhol:  
As gôtas d'essa humidade  
Hei de eu seccar, como o sol!

Quanto prazer se resume  
Nem tu calculas, talvez,  
No suavissimo perfume  
Do *Madeira* e do *Gerez*!

É justo que me acompanhe  
Tua alegria sem par:  
Venha o *Champanhe!* o *Champanhe!*  
Saltem as rolhas ao ar!

Canta, ó deusa, que me abraças  
Cheia d'indomito ardor!  
D'entre o tinido das taças  
Solte-se um canto d'amor!

Qu'importa o grito da plebe  
Que a miseria escravizou?  
Eu folgo; tu canta e bebe!  
És quem és: eu sou quem sou!

Dizem que por essas ruas  
Andam vagando, ao desdem,  
Descalças e quasi nuas,  
Umás crianças sem mãe;

Que, onde a miseria rebrame  
Contra a nossa ostentação,  
Avulta uma cousa infame  
Chamada prostituição;

Que a sombra é vasta e profunda  
Nos desherdados casaes,  
Que a espaços a chuva innunda  
E abalam os temporaes;

Que, entre a noite escura e triste,  
Por terem fome, uns atheus  
Perguntam se Deus existe,  
E, se existe, onde está Deus?;

Que uns velhos, a quem se deve  
Profiqua gloria sem fim,  
Dormem, cobertos de neve,  
Às portas do meu jardim;

Que, sem tecto onde se acoite,  
Um bando de paes e mães  
Inveja, durante a noite,  
A casota dos meus cães;

Que a Justiça, em vis calvarios  
Onde é vergonha morrer,  
Crucifica os operarios  
Que já não tem que fazer!

Será, póde ser verdade . . .  
Mas, tão distante do céu,  
O archanjo da caridade  
Decerto que não sou eu!

Canta! Bebamos! Scintille  
Noss'alma d'amor jovial!  
Haja um quarto do *Mabile*  
No palacio episcopal!

Quando, nas lagens marmóreas  
D'igrejas, ditas christãs,  
Já se exaltaram as glorias  
E o nome das cortezãs, (1)

Qu'importa que n'estes paços,  
Longe do olhar de Jesus,  
Morra, na cruz de teus braços,  
Um sacerdote da Cruz?

Canta, como as filomelas!  
Canta, como os roixinoes,  
À flor, ao lago, às estrellas  
Dos teus jardins hespanhoes!

Mas não cedes ao meu rôgo?  
Filha, em que estás a scismar?

#### DOLORES

Scismo nas letras de fogo  
Dos muros de Balthazar . . .

## IX

Pejo do satyro.—Satanaz e Deus.—  
A immobilidade de Jesus.

Não posso dizer mais... não sei... não quero!  
Satanaz, a tremer, tomou-me o braço,  
E ambos, deixando o tenebroso paço,  
Voltamos para aqui:

Rudes convivas dos festins de Nero!  
Sardanapálo! Ó torvos seids d'Asia!  
Borgias! Tiberio! Messalina! Aspasia!  
Vós sabeis o que eu vi!

Ó Christo! Aos pés de Deus lá dorme o vulto  
Do eterno tentador... N'aquella orgia,  
Se lá coubesse Deus, Deus rolaria  
Aos pés de Satanaz!...»

Calou-se de repente e, meio occulto  
Do capitel nos rendilhados folhos,  
Ria cada vez mais, piscando os olhos,  
O fauno, — o hereje audaz.

Jesus, no entanto, immovel, silencioso,  
A fronte morta para o chão pendia,  
Na terrível postura da agonia  
A que o forçára a cruz...

E ha quem espere um grito doloroso  
D'aquell'alma sublime? Ha quem espere  
Vêr passar o sorriso de Voltaire  
Nos labios de Jesus!

## X

### Na immensidade

Longe, ao longe, na abobada do espaço  
Calma, impassivel, luminosa e fria,  
Pairava ancioso, vigiando o paço,  
Das orgias o archanjo, — a Apoplexia...

## AO POVO INGENUO

Bem cedo, ó triste povo, ó pobre gente!  
Bem cedo eu te hei de vêr, em magua absorto,  
Ir, de joelhos, á capella ardente  
Beijar os santos pés ao bispo morto. . .

No pó, na cinza, ó povo, a fronte roja,  
Ao vêr no esquife o Patriarcha austero. . .  
Tu, que poisas na mão que te despoja  
Mil ósculos d'amor crente e sincero!

Se elle houvesse o « direito do mais forte »  
Arrastarias vergonhosa algêma;  
Vivo, odiou-te: adóral-o na morte! . .  
Derradeira abjecção! baixesa extrema!

Quando has de tu deixar as vis doutrinas,  
As vis superstições dos tempos velhos,  
E fazer cathedraes das officinas,  
E procurar na Sciencia os Evangelhos?

Quando has de tu surgir, calcando arminhos,  
Nos salões onde, altivos do seu *nada*,  
Ri a mitra da c'roa dos espinhos,  
E o sceptro inutil da prestante enxada?

Quando has de tu entrar na grande liça,  
E, saccudindo o teu grilhão desfeito,  
Dizer ao Padre: « Eu chamo-me a Justiça! »  
Dizer ao Rei: « Eu chamo-me o Direito! »?

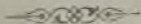
Succeda á farda a blusa; o ganho á esmola;  
As armas do trabalho á carabina!  
Onde estava a prisão surja uma eschola,  
E um theatro onde estava a guilhotina!

Da liberdade atalayando o asylo,  
Sê magestoso e bom, sê grande e puro;  
Toma, nas rijas mãos, bravo e tranquillo,  
A sagrada bandeira do futuro!



É já longo o caminho do Calvario  
Que trilhas, sob a cruz, ha tantos annos!..  
Desfaz, quebra, estilhaça o teu rosario!  
Calca, assoberba, esmaga os teus tyrannos!

Porto, 12 de novembro de 1873.





## NOTA

---

- (1) Quando nas lagens marmóreas  
D'igrejas, ditas christãs,  
Já se exaltaram as glorias  
E o nome das cortezãs...

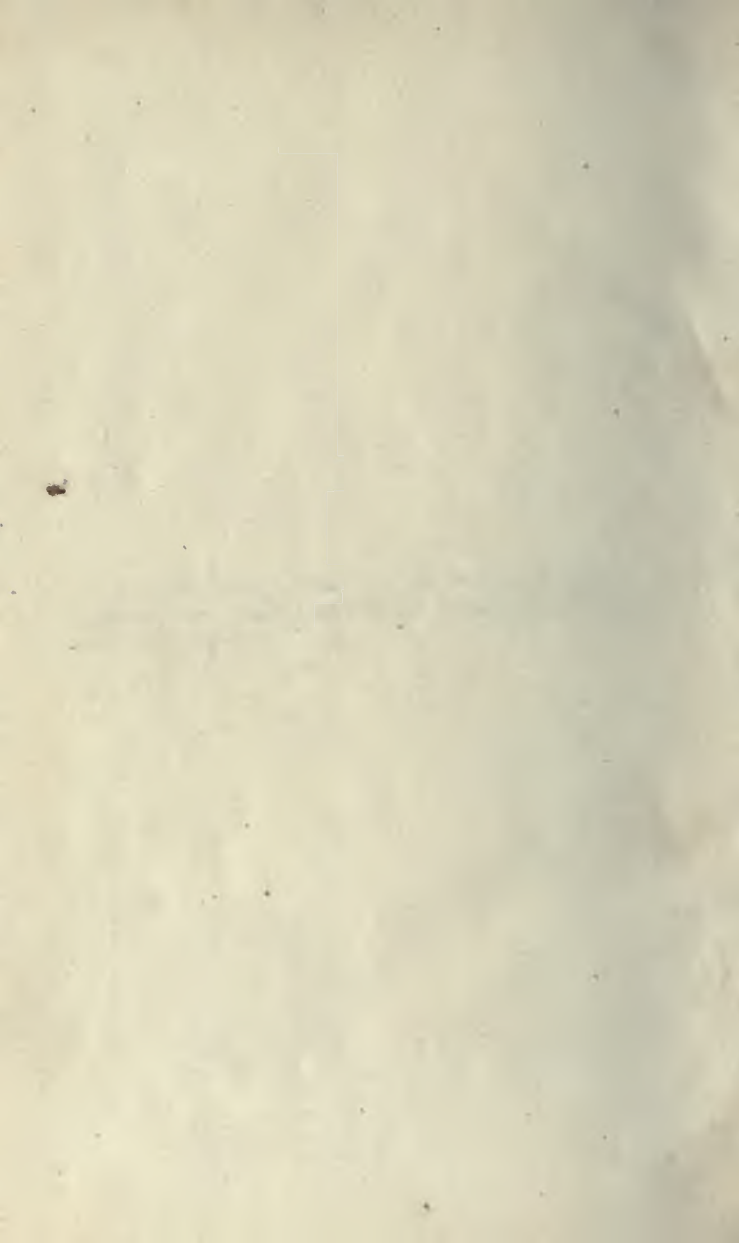
«... Foi visto por muito tempo, na igreja de Santa Barbara (Roma), o tumulo da afamada cortezã Imperia, tão célebre no tempo de Leão x. Haviam-lhe gravado no marmore a seguinte inscripção, exaltadora da formosura d'aquella mulher :

*« Imperia cortisana romana, quæ digna tanto nomine raræ inter homines formæ specimen dedit, vixit annos xxvi, diis xii, obiit 1511, die 15 Augusti. »*

A ninguem causava espanto vêr este preito de admiração tributado á memoria d'uma mulher que viveu na devassidão e na crápula!

*A propriedade d'este livro, no Imperio do Brazil, pertence aos snrs. João Walfredo de Medeiros & C.<sup>a</sup>, livreiros em Pernambuco.*





859

